

Editor: Carlos Marcelo  
pensar@correioweb.com.br  
Tel. 3214-1178 • Fax 3214-1194

# Pensar



A GRANDE TRANSFORMAÇÃO – O MUNDO NA ÉPOCA DE BUDA, SOCRATES, CONFUCIO E JEREMIAS De Karen Armstrong, tradução de Hildegard Feist, Companhia das Letras, 496 páginas, R\$ 63.



A BÍBLIA (UMA BIOGRAFIA) De Karen Armstrong, tradução de Maria Luíza X. de A. Borges, Jorge Zahar Editor, 278 páginas, R\$ 39,90.

RAFAEL BAliARDO  
ESPECIAL PARA O CORREIO

Depois de longos e angustiantes sete anos de embate íntimo, travado no interior de um soturno convento inglês, a jovem britânica Karen Armstrong, então com 25 anos, resolveu jogar a toalha. Era 1969 e chegava ao fim uma década que dispensa legendas. Com a fé fustigada pelo sofrimento decorrente de seu malsucedido interlúdio monástico e com a mente em frangalhos por conta do desapontamento com a vida religiosa, a ex-freira abraçava novamente a vida secular em meio à agitada década que não viu acontecer.

Aos 17 anos, em 1962, contrariando a família de raízes irlandesas e de orientação católica não-praticante, Karen, natural da interiorana Wildmoor (cidadezinha pertencente ao condado inglês de Worcestershire), escolheu talvez um caminho árduo demais para a pouca idade e a falta de experiência. Ao ingressar como noviça na ordem religiosa Sociedade do Sagrado Menino Jesus, a jovem não podia prever os anos sombrios e as desilusões sucessivas que teria pela frente. Em 1965, ao confirmar os votos de freira, conseguiu, em paralelo, a autorização da ordem para estudar literatura em Oxford. Contudo nem mesmo essa tomada de fôlego ao frequentar a universidade, a verve acadêmica ou a paixão por poesia conseguiram atenuar a surpresa de Karen com o vazio de sentença dos votos de pobreza e humildade, com a apatia burocrática das irmãs de congregação e tampouco frear a decepção da moça com a aspreza mecânica do claustro.

Conhecida hoje pelos livros sobre religião, Karen Armstrong tem em suas credenciais o apelo dramático que preenche romanticamente os perfis resenhados sobre ela "imprensa agora". A "freira em fuga" com a língua afiada que comparou o papa João Paulo II a um fundamentalista islâmico. E que presenteou os ingleses em seu livro de estreia (o inédito no Brasil *Through to the narrow gate*, 1982) com um gênero muito popular por lá, os *tell-all books* (livros que contam tudo), onde jogou a sujeira no ventilador, descrevendo a tortura dos anos de claustro, pegando pesado com as freiras e a Igreja Católica.

No Brasil, com parte considerável da obra de Karen publicada pela Companhia das Letras e pela editora Objetiva, são lançados, neste início de ano, quase que simultaneamente por duas editoras distintas, os dois últimos livros da autora: *A grande transformação – O mundo na época de Buda, Sócrates, Confúcio e Jeremias* (Companhia das Letras) e *A Bíblia: uma biografia*, pela Jorge Zahar. Na capa da edição brasileira de *A grande transformação*, o nome de Sócrates foi suprimido. Além disso, acabou de ser reeditado, em formato de bolso, *Uma história de Deus* (Companhia das Letras).

É evidente que a aposta não é só no peso do nome da escritora. Livros sobre religião sempre foram populares e, nos últimos anos, o interesse foi reciclado por conta do filão aberto pelo viés conspiratório desavengado de *O Código da Vinci* (2003), ou pelos encrenqueiros da brigada atea liderada pelo biólogo inglês Richard Dawkins.

As credenciais biográficas de Armstrong incluem ainda as agruras sofridas durante seu período cético-materialista, do desligamento da ordem religiosa, passando pelo redescoberto dos temas mitológicos, até se tornar uma autora de renome. Impedida de lecionar literatura na Universidade de Londres após sua tese de doutoramento sobre o poeta inglês Alfred Tennyson (1809-1892) ser rejeitada em Oxford, teve que lidar com uma epilepsia que sugou todas as suas forças e a obrigou a abandonar o trabalho de diretora de departamento numa escola feminina. Depois de anos, em 1984, as coisas começaram a melhorar quando ela participou da produção de um documentário promovido por um canal inglês sobre a vida do apóstolo Paulo. O trabalho de investigação e as filmagens a levaram a Jerusalém e a fizeram rever suas impressões sobre a religiosidade que rejeitara desde a saída do convento. De lá para cá, fez a reputação escrevendo sobre história das religiões e mitologia. O período entre as "duas vidas" é descrito em *A escada espiral* (2004), um dos best-sellers da autora, uma espécie de revisão da prematuridade de *Through to the narrow gate* e do mal sucedido *Beginning the world* (1983). Aos poucos e naturalmente, ela e seus agentes literários trabalharam sua imagem como uma competente divulgadora focada nas religiões abraâmicas, como estudiosa do fundamentalismo, fenômeno que assola particularmente o culto monoteísta, e, não menos importante, como militante contra os preconceitos sofridos pelo islamismo no ocidente. Funcionou. Karen Armstrong está mais em evidência do que os livros que escreve.

Escolha das palavras

Em um programa de rádio veiculado há quase dois anos pela conceituada American Public Media, soando como uma cordata senhora na casa dos sessenta anos, Armstrong dispõe de quase uma hora para fazer suas considerações habituais sobre comportamento religioso, fanatismo, ceticismo e espiritualidade ao público médio norte-americano, para uma audiência notoriamente cristã. Escolhendo cada palavra e com a clareza excepcional de uma comunicadora escalçada por polêmicas, Karen, em momentos oportunos, deixou evidente a sua relação com os temas sobre os quais construiu uma carreira editorial. "A boa teologia é como poesia", arriscou a escritora em determinado ponto da conversa

Mian Khurshid/Routers - 3/208



Ex-freira, a britânica Karen Armstrong se define como "monoteísta freelancer" e faz sucesso mundialmente com livros polêmicos como *A Bíblia: uma biografia* e o recém-lançado *A grande transformação*

NOS LIVROS, KAREN ARMSTRONG APOSTA NA CLAREZA E NA PESQUISA: "A BOA TEOLOGIA É COMO POESIA"

com a radialista que a entrevistava.

A afirmação da autora revela algo sobre o estilo dos seus dois livros mais recentes, *A grande transformação: o mundo na época de Buda, Sócrates, Confúcio e Jeremias* e *A Bíblia: uma biografia*. O primeiro deles, um ensaio de fôlego calcado na hipótese, defendida ainda na primeira metade do século 20 pelo filósofo alemão Karl Jaspers (1883-1969), de que os alicerces da forma de pensar contemporânea, do estágio cognitivo em que nos encontramos (uma meia-boca entre razão e crença, um meio de caminho entre racionalidade e comportamento ritualístico) foram estabelecidos entre os séculos 900 e 200 a.C. quando os principais conceitos filosóficos e religiosos surgiram e forçaram a humanidade a uma nova etapa intelectual: abandonamos progressivamente o mito e abraçamos à razão mitológico-filosófica. Não evoluímos do mito a uma razão plena como acreditamos.

Trata-se de uma investigação bem articulada pela autora sobre esse período da história quando se consolidaram a filosofia chinesa, o misticismo hindu, o budismo, o monoteísmo hebraico e a filosofia grega. O que afinal aconteceu nesse intervalo de tempo? Há relação entre essas tradições? Qual o grau de similaridade entre esses sistemas de pensamento? Questionando incorreções do próprio Karl Jaspers e estabelecendo eixos coerentes entre uma enorme gama de dados, Karen Armstrong mostra que não é apenas uma mera revisionista como fora insinuado por críticos.

Já *A Bíblia* não é um texto escrito com a mesma atenção ao estilo e aos detalhes de *A grande transformação*. É tão somente um breve roteiro de oito capítulos curtos que oferecem um panorama de como o livro mais influente na história da humanidade foi escrito, reescrito, editado, reeditado e, sobretudo, compreendido ao longo de um período de mais de dois mil anos. De que forma um compêndio poético e mitológico, composto por inúmeras mãos, chegou aos nossos dias no formato de uma carta de ortodoxias e crenças infantis? Não é uma biografia pormenorizada da Bíblia, mas um resumo eficiente para se entender que as Escrituras não podem ser lidas com um descuido apático. Para comparar, qual das Bíblias? A hebraica? A católica? A Bíblia de Genebra? A shakesperiana tradução autorizada pelo rei James no século 18, cujo léxico mudou para sempre a história da língua inglesa?

A vantagem dos títulos de Armstrong em relação a outras obras sobre religião dedicadas ao público leigo é o levantamento sofisticado de dados promovido pela autora fora por si além da miríada de argumentos. É não me refiro ao contencioso retórico de *Jesus de Nazareth* (Planeta, 2007) do eminente teólogo Joseph Ratzinger e atual papa Bento XVI. E sim à pertinência das explicações do biólogo Richard Dawkins em *Deus: uma ilusão*, do jornalista Christopher Hitchens em *Deus não é grande*, e do filósofo Sam Harris em *Carta a uma nação cristã*. E ao fato de esses títulos serem virados frente ao espaço que a crença ocupa na vida humana contemporânea.

O verdadeiro ceticismo

Na perspectiva de Karen Armstrong, o ateísmo não escapa à crença, é uma crença na não-existência, porém, ainda preso à esfera da fé. Enquanto que o verdadeiro ceticismo, mais próximo do agnosticismo e deslocando o foco dos atos de crer ou descreir, é motivado pela curiosidade em relação ao objeto, e não pela necessidade prévia de defendê-lo ou desconfirmá-lo. O ceticismo não é o ato simples de duvidar, mas de se relacionar com a dúvida permanente, administrando certas provisórias que tornam a vida possível. Nos seus melhores momentos, esses autores nos chamam à lucidez e à razoabilidade e, nos piores, confundem o examinador e o comportamento religioso (um padrão de cognição presente desde a época em que o homem habitava cavernas) com provocações pseudoteológicas: "Deus não é grande". A idéia não é grande? O equívoco não é grande? Algo para além do conceito é pequeno?

Deus, o *mythos* assombroso que perdura por gerações, nos lembra a autora de *A Bíblia*, é paradoxal demais para ser um simples delírio, mesmo se entendido como absolutamente falso. A idéia de relação entre crença e poesia não é algo exatamente novo. Karen Armstrong não pertence à linhagem, mas paga tributo a uma "escola" de pensadores que surgiu entre as décadas de 1930 e 1950 e que infelizmente teve suas idéias diluídas nos anos 1960 (o período em que ela passou enclausurada no convento) pela "contracultura", pelo senso comum hippie e, nos anos 1990, pela onda new age. Pensadores como Carl Jung, Joseph Campbell, Karl Kerényi e Mircea Eliade que, ao investigar os mitos e a religião, levaram em conta que respostas racionais não esgotavam conclusões sobre o contraditório comportamento humano. Religião e arte são manifestações simultâneas e as mais antigas da linguagem humana. E o encontro das águas entre as duas é a mitologia. Os livros de Armstrong sugerem que nossa irracionalidade está arraigada nas menores coisas. Ou, por acaso, alguém consegue tecer explicações definitivas sobre comportamentos como assistir a um filme de ficção ou torcer para um time de futebol? Por que depois de milênios ainda nos entregamos a representações dessa natureza? Karen Armstrong nos diz que a resposta, perdida em algum ponto do passado ou exilada no futuro, está escrita em versos e em uma língua que ainda não podemos ler.

RAFAEL BAliARDO É JORNALISTA

CADERNO C



LIVROS & LETURAS • SÉRGIO DE SA // SÉRGIO.SA@TERRA.COM.BR

"POESIA NÃO É PARA COMPREENDER, MAS PARA INCORPORAR."

MANOEL DE BARROS (1916), POETA BRASILEIRO

## Mundo desencantado

*De cabeça baixa* (Guarda-chuva), estreia do carioca Flávio Izhaki (foto) no romance, tem um quê existencialista. Tudo seria normal não fosse o protagonista um jovem escritor em desespero, sempre à deriva, sem vontades. E cada vez mais comum encontrarmos personagens-escritores no prosa brasileiro contemporânea. Há quem diga que os leitores da literatura nacional não passam de 3 mil abnegados, aí incluídos os professores e estudantes de letras, que, diga-se, lêem pouco e menos ainda a produção atual.

Sendo assim, desprezados pelo grande público, os aventureiros da escrita ficcional partem em busca do reconhecimento no pequeno clube das palavras. Não sendo obrigados a dar satisfação ao tal do mercado (afinal, inexistente), têm se aproveitado para questionar o lugar do escritor na sociedade, o que ele representa e o significado disso tudo na própria vida.

Izhaki, 29 anos, repete a estratégia de modo meta-narrativo. Um livro está dentro do livro. O romance *Desencanto* foi um fracasso: palavra importante para pensar o ponto de vista da narrativa, situando literariamente estimulante. Sem atenção da crítica e longe de qualquer repercussão, o "jovem promissor" Felipe Laranjeiras deixa o Rio para se instalar em Curitiba. As referências aos "simulacros" e ao bairro de Sérgio Sant' Anna são diretas. Abre-se a possibilidade de uma linhagem ai.

Especialmente em suas duas primeiras partes, *De cabeça baixa* tem um clima de ajuste de contas geracional muito parecido com o de *Até o dia em que o cão morreu*, de Daniel Galera. A cidade dura e fria lá fora, eu e minhas circunstâncias aqui dentro – amores soltos, perdidos no tempo, o trabalho que não satisfaz intelectualmente (apenas permite a sobrevivência), a família, se família existe, numa perspectiva afetiva pouco calorosa.

A arte termina por se apresentar como uma saída cheia de armadilhas, e o final do livro soa como metáfora disso. O romance de Izhaki sobe de produção em sua parte final, justificando a leitura. Nas arapucas intraliterárias, que falam da impossibilidade de não discutir literatura ao fazer literatura, o leitor encontra o sabor amargo do abandono, da desistência, da tristeza em meio a um mundo que nos obriga à felicidade. *De cabeça baixa* é uma pena que anota, às margens das páginas comuns do cotidiano, a difícil experiência da escritura hoje.



Alex Sandro/Divulgação

## Engajado

Em tempo de protestos, derrubadas e ocupações, é curioso que a cidade tenha a chance de ver um documentário sobre Antonio Callado (1917-1997), autor-símbolo da resistência à última ditadura militar, principalmente por conta dos romances *Reflexos do baile* e *Bar Don Juan*.

Em *A paixão segundo Callado*, José Joffily conta a vida do escritor e jornalista a partir de depoimentos de Ana Arruda Callado, Carlos Heitor Cony, Fernando Montenegro, Ferreira Gullar, Moacyr Werneck de Castro e Caetano Veloso. O filme de 57 minutos será exibido dentro da mostra É Tudo Verdade, na próxima quinta-feira, dia 17, às 14h, no cinema do CCBB.

## Poesia de VERDADE

ALEXANDRE PILATI  
ESPECIAL PARA O CORREIO

Quem conhece a crítica de Michael Hamburger sabe que ele é dado a pontuar seus textos com afirmações fortes. Em um dos ensaios de *A verdade da poesia*, Hamburger afirma: "...todo poema é experimental, ou não vale a pena ser escrito". Entretanto, ditos como esse, muito embora potencialmente radicais e desafiadores, surgem no texto sem o tom de irresponsabilidade que a sua citação descontextualizada pode sugerir. Hamburger é um crítico armado como poucos em leituras poéticas, históricas e teóricas, com um grande talento para a articulação do seu conhecimento à leitura do poema e sua situação no contexto social.

O destino de experimentalidade que a modernidade legou ao poema é o objeto central da investigação de Hamburger em *A verdade da poesia*. Segundo o crítico de origem alemã, que nasceu em 1924 e morreu no ano passado, se há alguma verdade na poesia ela gira em torno do dilema, da dúvida, da tensão, do hiato e da contradição. Um poema moderno não responde ao mundo e sim o provoca. É essa série histórica de provocações, a partir da obra fundadora de Baudelaire, que os 10 capítulos da obra perseguem. Para basear sua busca crítica, Hamburger cita oportunamente a defesa que o poeta das *Flors do mal* faz do direito fundamental da poesia: "O direito em que todos estamos interessados – direito de contradizer-se".

Abordando o dilema de Baudelaire, Hamburger inicia seu estudo com um estilo que lembra a naturalidade de uma aula de literatura, sem cair, todavia, em divagações e incoerências, tão comuns aos lençóis da disciplina. A partir da herança baudelaireana da consciência das tensões, Hamburger determina o tom que metodológico de seus ensaios. Para ele, "a verdadeira questão para o leitor de poesia é como determinado poeta está pensando num poema particular ou em parte de um poema, e como esse modo de pensamento funciona em relação à totalidade do que o poema realiza".

Nos diversos períodos literários que *A verdade da poesia* aborda, o centro da preocupação do crítico é levantar exemplos da grande poesia universal baseado no critério que diz que "o que difere um poema bom de um ruim,

Em obra inédita no Brasil, o crítico Michael Hamburger analisa as tensões da forma poética moderna

ou um poema vivo de um morto, no que concerne ao comportamento da linguagem vem a ser uma questão não do que, mas de como – não o tema, mas o tratamento e o desenvolvimento do tema". Assim, as mais admiráveis análises do crítico situam-se nos primeiros capítulos do livro. Rimbaud e Mallarmé, por exemplo, são observados por um prisma ao mesmo tempo abrangente, mas que toca na ângulo quase comum de suas poéticas (tão disparejos. Esse ângulo comum é um sentimento dilemático de rejeição à ordem burguesa e capitalista. Posteriormente, Hamburger passa a analisar autores como Laforgue e Corbière, com uma mirada verdadeiramente original e iluminadora das questões fundamentais nessas poetas importantes para a consolidação da tradição tensa da modernidade na poesia.

Hamburger debruça-se também sobre autores europeus, americanos e alguns latino-americanos. O único brasileiro que aparece entre os poetas estudados por ele é o mineiro Carlos Drummond de Andrade. Muito embora a análise de Drummond seja breve, nota-se o talento do crítico em apontar o problema central da obra do brasileiro, que é qualificado como um "obcecado pela dúvida". Talvez mais curioso para o leitor brasileiro seja analisar as boas traduções que Hamburger faz dos poemas de Drummond para o inglês, as quais são preservadas pelo tradutor Alípio Correia de Franca Neto. Esse, aliás, outro aspecto digno de mérito na edição. Como poucas vezes se vê, a tradução é bem cuidada, minuciosa sempre e criativa quando necessário.

Será impossível a quem gosta de poesia não sentir tentado a empilhar os livros dos poetas citados por Hamburger e, junto com ele, ir conhecendo e analisando cada uma das obras. Essa empreitada de fôlego que nos surge *A verdade da poesia* é uma atitude em favor da poesia e da civilização. Na visão de Hamburger, a poesia nos salva das atividades insignificantes, "nossas especializações fragmentadoras e fragmentadas, burocráticas, técnicas, econômicas e políticas". Uma crítica como a dele, a seu modo, nos conduz à busca de sentidos, para o poema e para a humanidade.



A VERDADE DA POESIA De Michael Hamburger, tradução de Alípio Correia de Franca Neto, CosacNáffy, 464 páginas, R\$ 65.

ALEXANDRE PILATI É DOUTOR EM LITERATURA BRASILEIRA E POETA, AUTOR DE PRÓFORA (7 LETRAS, 2007)

Alberto Malabar/Summus, Editor da reprodução



JORNALISMO FREELANCE De João Marcos Rainho, Summus Editorial, 128 páginas, R\$ 27,10.

Em tempos de reestruturação nas empresas de comunicação, este livro se pauta pelo conceito de empreendedorismo para orientar os jornalistas freelancers que desejarem prosperar na carreira mesmo fora das redações. Noções de organização empresarial, de desenvolvimento de diversas atividades (pauteiro, repórter, editor, revisor) e inclusive de ética se alinham com dicas básicas, como a preservação de contatos, fontes, padrinhos e se manter bem informado para estar apto a sobreviver como frila.

Alberto Malabar/Summus, Editor da reprodução



SOTAQUES D'AQUEM E D'ALÉM MAR De Manuel Carlos Chaparro, Summus Editorial, 240 páginas, R\$ 44,90.

Com militância na imprensa de Brasil e Portugal, o autor propõe um estudo de jornalismo comparado em que se leve em conta nova concepção de gêneros, de modo a romper com a dicotomia entre opinião e informação. A premissa histórica parte do primeiro jornal brasileiro a ser criado, o *Correio Braziliense*, que Hipólito José da Costa fundou em 1808 e que inicialmente circulava em Portugal. O campo abrangido pela pesquisa diretamente ligada às mudanças de gênero, no entanto, se circunscreve ao período entre 1945 e 1995 e inclui os principais jornais brasileiros.

Pereira de Mello/Grafiarte, Editor da reprodução



O BRIEFING DA ÉTICA De Gino Murta, Autêntica Editora, 144 páginas, R\$ 37.

Profissional de publicidade e propaganda com passagens por jornais, agências e editores, Gino Murta propõe reflexão em defesa de uma propaganda mais responsável. Além de reproduzir na íntegra o Código Brasileiro de Auto-regulamentação Publicitária, estabelecido em 1980 e em sua opinião já superado, o autor o comenta e critica, alegando que apenas a boa vontade seria insuficiente para garantir o respeito à ética nos anúncios. A partir de conceitos filosóficos, propõe novas diretrizes para o setor.

Melissa Hermans/Roman/Routledge, Editor da reprodução



O FILME QUE SAUSSURE NÃO VIU De Irene Machado, Editora Horizonte, 248 páginas, R\$ 39.

Conhecida pela especialização em semiótica e linguística ligada à cultura russa, a autora se detém, neste livro, no estudo da obra e do pensamento do russo Roman Oshpovic Jakobson (1896-1982). Um dos importantes intelectuais do século 20, com atuação destacada antes da Revolução bolchevique de 1918, Jakobson era estudioso da linguística e da poética, tendo as palavras e os sons, formadores da linguagem, como ponto de estudo dos antigos idiomas eslavos às modernas línguas faladas no Ocidente.

Ana Armada/Sá/Barro, Editor da reprodução



MÍDIA E VIOLÊNCIA De Delvívia Ramos e Anabela Paiva, Andi, 192 páginas, Informações www.ucamcesec.com.br.

Com o subtítulo de "Novas tendências na cobertura de criminalidade e segurança no Brasil", o volume visa a uma exegese das abordagens da imprensa para o tema policial, apresentando os desafios para profissionais e veículos. No momento em que a mídia se volta para a investigação da morte da menina Isabella Nardoni, a procura de fontes que extrapolem a própria polícia, a fuga dos preconceitos e estereótipos, as estatísticas relacionadas à área e temas espinhosos, como suicídios e sequestros, ganham análise a partir de entrevistas e coleta de dados.